O INCONSCIENTE, UMA LEITURA ATUAL

ROSANE MULLER COSTA[1]

RESUMO

Nesse trabalho uma revisão das ideias freudianas sobre o inconsciente é feita a partir de alguns textos seminais, além dos aportes teóricos de Bion ao tema com a introdução da concepção de inconsciente emocional. As ideias de Klein sobre a fantasia inconsciente, aprofundadas pelas contribuições de Britton e ao lado das análises de Jacques Rancière sobre o inconsciente no campo da estética convergem para a existência de pensamento inconsciente, percepção e comunicação inconscientes, aspectos que têm recebido atenção cada vez maior por parte da comunidade psicanalítica com repercussões na pratica clínica extensivas às análises das manifestações na cultura, notadamente, no que diz respeito às produções artísticas. Nesse sentido, a psicanálise contemporânea passou a dar ênfase ao que percebemos sem nos darmos conta, sendo a capacidade humana de produzir vestígios do inconsciente enfatizada na clinica como nas obras de arte.

Palavras-chaves: inconsciente, pensamento inconsciente, inconsciente emocional, fantasia inconsciente, inconsciente estético.

ABSTRACT

In this paper, we aim to revise some of Freud's ideas about the unconscious done from some of his seminal texts and theoretical contributions of Bion for the theme by introducing the conception of emotional unconscious. The ideas of Klein on the unconscious fantasy deepened with contributions from Britton alongside Jacque Rancière about the unconscious in the field of aesthetics, which converge to the existence of unconscious thought, perception and unconscious communication. Such aspects have received increasing attention from the psychoanalytic community with implications in clinical practice and extended to analysis of cultural events, notably as regarding to artistic productions. Thus, contemporary psychoanalysis started to play emphasis to what we perceive without realizing our being as capable of producing traces of our unconscious, emphasized in clinical practice as in the works of art.

Keywords: unconscious, unconscious thought, unconscious emotion, unconscious fantasy, aesthetic unconscious.

---

1 Psicanalista do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Fortaleza – Gepfor e da Sociedade de Psicanálise do Recife – SPR.

I. UM INCONSCIENTE QUE TEM OLHOS E PODE VER

Já na primeira linha de uma de suas mais célebres estórias Franz Kafka (1912) nos adormece e nos faz sonhar. Nesse sonho, um homem "acordou de sonhos intranquilos metamorfoseado num inseto monstruoso". A transformação aconteceu durante o sono como se os sonhos tivessem o poder de invadir o corpo, ganhar vida, materializar-se. Talvez este seja o recurso do autor para nos apresentar o sonho como uma maneira de acordar para outra existência, avesso da vigília, atormentada e estranha a nós mesmos. O sonho induzido pela leitura vai nos transformando aos poucos, tornando-nos meio insetos, inundados de uma angustia cada vez mais opressora, à medida em que é ignorada pelo entorno. Em sua habilidade de dar expressão ao assustador, o escritor nos conduz através da incursão em seu imaginário, a uma porção do nosso pessoal estranho familiar, segundo uma das definições freudianas do inconsciente .

A psicanálise sustenta a máxima de que existe uma atividade psíquica inconsciente e grande parte do seu trabalho é no sentido de compreender os modos de manifestação e o funcionamento dessa outra racionalidade, em relação à qual somos estranhos. O inconsciente só pode ser conhecido por intermédio dos seus derivados tendo sido os sonhos tomados por Freud como modelo por excelência do funcionamento dos processos inconscientes. Mais recentemente, o campo da estética tem suscitado o interesse crescente da investigação psicanalítica, notadamente no âmbito da literatura.

Nesse trabalho desenvolveremos a premissa da existência de pensamento inconsciente com capacidade de se expressar, simbolicamente, através da forma possível, seja verbal ou pictórica, seja no sonho, na ação ou no brincar, entre outras manifestações. Pensamentos inconscientes podem ainda ser transmitidos e fazer parte da comunicação entre duas pessoas sem que elas estejam cientes.

Uma primeira formulação elaborada sobre o inconsciente é feita em 1900 por Freud no seu livro dos sonhos, quando o descreve como uma modalidade de vida mental muito diferente da conhecida como consciente, pois dotada de um tipo de atividade primitiva, de onde veio a referência a um processo primário, cujo funcionamento culmina na realização alucinatória do desejo.

Os pensamentos por esse tipo de atividade mental são traduzidos em imagens, não havendo noção de temporalidade, falta, negação, dúvida ou contradição, nem critérios que estabeleçam diferenças entre realidade interna e realidade externa. Freud considerou que sonhar era um método primitivo de pensar e que o sonho era um fenômeno regressivo no sentido tópico, temporal e formal. O inconsciente na elaboração freudiana é concebido como o lugar dos impulsos, dos conteúdos reprimidos, das fantasias e percepções infantis que nunca se tornam conscientes e ainda de um tipo de fantasia com enorme poder de ação sobre os indivíduos, embora não se origine na experiência pessoal e pertença a herança filogenética. Tais fantasias constituem o núcleo do sistema inconsciente como ressaltam Laplanche e Pontalis (1967).

Há pouco mais de um século, em 1912, Freud escreveu um pequeno artigo sobre as acepções do termo inconsciente estabelecendo diferenças entre o descritivo, o dinâmico e o sistêmico. Afirmou que algo em nós pode ser ativo embora não estejamos cientes do que nos move ainda que a atividade psíquica comece por ser inconsciente e continue assim, ou siga seu caminho para a consciência de acordo com as resistências que encontra ou não, resistências essas oriundas da repressão. Compara o consciente e o inconsciente à relação entre o positivo e o negativo quando uma foto é revelada, aquilo que é bom é revelado, torna-se consciente, caso contrario permanece negativo, inconsciente, mas nem por isso menos potente quanto à sua influencia sobre nós.

Em 1915, no texto que complementa o trabalho anterior, Freud observa que o material psíquico proveniente do inconsciente pode ser sujeito ao bloqueio da repressão, porém, em condições normais, todos os caminhos da percepção do mundo externo para o inconsciente permanecem abertos. Reafirma a ideia de que os processos mentais são inconscientes em si mesmos podendo ser percebidos pela consciência, assim como os órgãos dos sentidos percebem o mundo externo. Somos, portanto, dotados de um tipo de introvisão. Além de influenciar constantemente o pré-consciente e ser influenciado por este, o inconsciente é acessível às impressões da vida sendo afetado diretamente por estas. É por isso que, como Freud afirma em 1937, o analisando é capaz de compreender e aceitar uma interpretação efetuando mudanças no curso da análise mesmo que, conscientemente, rejeite a

intervenção do analista. Interessante destacar que bem antes, em Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise, de 1912, mencionou a existência de uma comunicação inconsciente entre analista e analisando onde parece haver algum tipo de percepção, embora as pessoas envolvidas não se dêem conta. O inconsciente do humano pode, surpreendentemente, reagir ao de outro sem que isso passe pelo consciente.

A idéia da existência de pensamento inconsciente e mesmo de percepção inconsciente nos leva a retomar a definição mais central do que seja o pensamento em Freud, uma vez que o autor emprega o termo em um contexto específico, diferente da sua utilização em outros quadros de referencia psicanalítica. Para Melanie Klein, o pensamento inconsciente está equacionado às fantasias inconscientes enquanto que, para Bion, encontra-se vinculado ao inconsciente emocional. No seu trabalho Interpretação dos sonhos, Freud afirma que o sonho se originou da necessidade de buscar meios na realidade para a obtenção da satisfação. Porém, tanto o pensamento coerente e claro da vigília, quanto o sonho, aparentemente confuso e sem sentido, são originários de um modo primitivo de atividade psíquica onde o desejo se realiza. O pensamento é, portanto, um substituto de um desejo. Posteriormente, em Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental (1911) Freud acrescenta o desenvolvimento das capacidades de planejamento e antecipação como propriedades do pensar. Tal concepção difere essencialmente da formulada pela filosofia e pela psicologia no ponto em que para essas áreas do saber a representação mental é uma cópia estática da realidade externa, enquanto nos termos freudianos esta é sempre carregada de tensão pulsional, a tensão implícita na definição de desejo e impele o sujeito na busca da satisfação por meio de objetos e ações condizentes. Assim, a matéria prima do pensamento e do pensar tanto ao nível consciente quanto inconsciente é o desejo.

Acréscimos relevantes à teoria psicanalítica do funcionamento mental foi feita por Bion (1988) ao considerar o inconsciente uma entidade com a função de metabolizar pensamentos e emoções, que se encontram em estado pré-verbal e pré-simbólico e precisam ser transformados, a fim de alçarem a possibilidade de se tornarem conscientes. Existe, portanto, um trabalho intenso e permanente

operando fora da consciência para viabilizá-la. Os conteúdos conscientes são fruto de uma espécie de estado onírico constante, cuja função é estabelecer a barreira de contato entre o consciente e o inconsciente por meio da qual elementos conscientemente representáveis do inconsciente são criados, algo que embora ainda inconsciente pode atingir uma representação nos sonhos, chistes, atos falhos, sintomas etc. Caso o inconsciente por meio desse sonhar permanente não esteja funcionando a contento haverá uma interferência na capacidade de produzir pensamentos e pensar. O sujeito perde o poder de refletir sobre si mesmo e a mente passa a ser um órgão para a evacuação dos seus conteúdos e emoções.

As concepções de Freud e Bion divergem essencialmente no sentido em que para o primeiro a noção do reprimido é fundamental na definição de inconsciente, enquanto para Bion coincide com o que a pessoa não se dá conta, com toda atividade existente fora da consciência consistindo no que se entende por inconsciente emocional. Essa idéia foi desenvolvida, segundo De Masi (2002), a partir da observação do potencial de transformação existente na relação analítica por onde transita uma multiplicidade de afetos e pensamentos, o que levou a psicanálise contemporânea a dar ênfase ao aspecto relativo àquilo que percebemos sem nos darmos conta do nosso ser como uma manifestação natural do inconsciente emocional, "um inconsciente que tem olhos e pode ver" (p.15). Na atualidade tem adquirido importância cada vez maior a noção de que grande parte da comunicação emocional entre duas pessoas possa acontecer a nível inconsciente. Os mecanismos de identificação projetiva são fundamentais na compreensão desse fenômeno.

Em corroboração a essas idéias, Sletvold (2015), psicanalista norueguês, em uma releitura do Ego e o id e considerando os estudos da neurociência afirma:

> Hoje em dia aceita-se amplamente o que deriva da teoria da evolução, assim como da experiência clinica e da evidência experimental, que humanos, [...] necessitam estar aptos a perceber inconscientemente não apenas seu mundo interno, mas também seu mundo externo, muito antes da percepção se tornar consciente (p. 303).

Tais colocações põem em jogo a questão de saber se a consciência como *insight* é indispensável à mudança psíquica ou, como formulou Green (2008): "o que

seria necessário reconhecer para que o sujeito possa viver em condições toleráveis os conflitos entre o consciente e o inconsciente?" (p.277). As neuroses sendo quadros clínicos próximos da normalidade estão também mais próximas de atingir o tipo de introvisão dos aspectos inconscientes que leva a transformações façam estes partes de um insight ou não. Por outro lado, assinala Green: "O desconhecimento explode, de maneira a cegar, quando penetramos setores mais pesados da patologia [...] quanto mais o indivíduo é marcado pela patologia, maior é o desconhecimento" (p. 277). Nos termos freudianos de 1915 encontramos que uma total ruptura entre os dois sistemas - inconsciente e pré-consciente/ consciente – caracteriza, acima de tudo, uma condição de doença.

Considerando a capacidade humana de produzir vestígios do inconsciente destacamos a atividade artística como um campo especialmente fértil. "Inconsciente estético" é o termo que Jacques Rancière (2009), professor de política e estética, usa para designar a propriedade de manifestar aspectos da realidade psíquica profunda através das obras de arte. O artista é aquele que em seu trabalho nos apresenta ao que percebemos sem nos darmos conta do nosso ser por olhar para seu interior e, ao mesmo tempo, reencontrá-lo nos objetos do mundo. O processo de criação artística foi equiparado ao trabalho do sonho pelo autor de A interpretação dos sonhos, segundo nota do editor, na sua primeira análise de uma obra literária, A Gradiva (1907), com as seguintes palavras:

> Pois quando um autor faz sonhar os personagens construídos por sua imaginação, segue a experiência cotidiana de que os pensamentos e os sentimentos das pessoas tem prosseguimento no sonho, sendo seu único objetivo retratar o estado de espírito de seus heróis através de seus sonhos (FREUD, 1907, p.18).

Um pouco mais adiante encontramos uma colocação que acentua essas ideias na afirmação de que: "[...] há muito menos liberdade e arbitrariedade na vida mental do que tendemos a admitir, e pode até ser que não exista nenhuma." (p. 19).

Na linha em que o autor sonha os personagens construídos por sua imaginação Mia Couto, escritor moçambicano, parece estar inteiramente de acordo quando em entrevista à Revista Brasileira de Psicanálise (2013) responde:

> Quase tudo que fiz foi nessa incapacidade de dormir, que me faz acordar

> às três horas da manhã e não dormir mais. [...] Esse estado de semivigília é o melhor momento. [...] É como se eu autorizasse que vozes me ocupem e me contem uma história. Nunca tenho um plano, sequer sei como será o capítulo seguinte. (pp. 19-20).

II. O INCONSCIENTE ESTÉTICO OU O PENSAMENTO QUE NÃO PENSA

A teoria psicanalítica do inconsciente só pode ser formulada, segundo Rancière (2009), porque já existia fora do terreno propriamente clínico a identificação de uma modalidade inconsciente de pensamento. Bem antes de Freud fazer suas descobertas, no campo da estética se teorizava sobre a existência de um pensamento inconsciente na ideia da relação entre o pensamento e o não-pensamento . Estética, para Rancière, designa um modo de teorização que se desenvolve sobre as coisas da arte onde se procura dizer em que elas consistem enquanto coisas do pensamento. Sob o nome estética opera-se uma identificação entre o pensamento da arte – o pensamento efetuado pelas obras de arte – e certa noção de conhecimento confuso, sendo este concebido não como um conhecimento menor, mas como propriamente um pensamento daquilo que não pensa. Conforme o autor, a ideia de pensamento confuso foi publicada por Baumgarten em 1750 referindo-se à estética como o campo onde um conhecimento claro mas ainda confuso, se opõe o conhecimento claro e distinto da lógica.

A noção de pensamento inconsciente ou do paradoxo existente entre saber e não saber, argumenta Rancière, leva Freud a fazer de Édipo o personagem central de suas elaborações. Existe em Édipo rei um drama que consiste na explicitação de desejos infantis universais e universalmente reprimidos; o drama edípico é ainda a forma exemplar da revelação de um segredo, uma revelação progressiva e conduzida com arte comparável ao trabalho da cura analítica. Entretanto, o fundamental da performance edipiana, ressalta Rancière, é a obstinação em saber e, igualmente, a recusa em conhecer a verdade. O ato de Édipo cegar-se indica a catástrofe do saber insuportável. Os olhos e a capacidade de enxergar representam não o pênis, mas o conhecimento consciente e a capacidade de pensar. O significado da tragédia edípica consiste no fato de que existe uma equivalência entre saber e sofrimento. Eis o drama: no humano o saber não é simplesmente um ato de apreensão de um dado objetivo, mas configura-se como um "afeto, uma paixão, ou mesmo uma enfermidade do vivente" (p. 26).

Existe, naturalmente, uma semelhança entre a regra fundamental da psicanálise e o modo de conceber o trabalho do artista que se baseia na racionalidade denominada "conhecimento confuso". A inspiração freudiana de que tudo fala, de que não existem detalhes desprezíveis, mas ao contrário, são esses detalhes que nos colocam no caminho da verdade encontra eco na fala do artista que se define como

> [...] aquele que viaja nos labirintos ou nos subsolos do mundo social. Ele recolhe os vestígios e transcreve os hieróglifos pintados na configuração mesma das coisas, obscuras ou triviais. Devolve aos detalhes insignificantes da prosa do mundo sua dupla potência poética e significante. (p.36).

O trivial, entretanto, só entrega seu segredo fazendo parte da história de uma análise e nesse contexto é experimentado e redescoberto nas fantasias carregadas de impulsos, sentimentos e pensamentos dirigidas ao analista. Freud, concluímos, solicita à arte e à poesia nas inúmeras análises efetuadas em sua obra, que testemunhem positivamente em favor da racionalidade profunda da fantasia, da existência de um inconsciente enquanto "certa relação do pensamento com o não-pensamento ..." (Rancière, 2009, p. 9). O verdadeiro artista é aquele que dá expressão em suas criações a uma realidade psíquica universal, o que permite certa compreensão dos conteúdos e elementos representados por parte da pessoa comum ainda que não de modo consciente. Quem admira a obra de arte sabe apenas que se sente, inexplicavelmente, capturado por ela. A arte é o campo privilegiado de expressão de tais fantasias e sentimentos, pois estes se encontram muito distantes da realidade compartilhada e do modo de pensar consciente. O poder transformador da análise advém, talvez em grande parte, da circunstancia de ao permitir através da regra fundamental a manifestação de modo tolerável e mesmo artístico dos aspectos assustadores da personalidade de cada um revelar em todos qualidades de artista.

O PENSAMENTO INCONSCIENTE NA ARTE E NA CLINICA

Ronald Britton (1997), conhecido analista inglês, chama atenção para um aspecto importante da relação de Freud com a atividade artística. Se por um lado ele usava as obras dos escritores no sentido mencionado acima de testemunhar em favor de uma racionalidade própria da fantasia inconsciente, por outro , no

artigo dedicado especificamente ao tema, Escritores criativos e devaneio (1908), ele fala de uma literatura escapista, cuja função seria evadir-se da verdade através da realização de desejos. Nesse texto o conceito de fantasia restringe-se ao devaneio da satisfação de desejos sendo este o material de onde o escritor retira sua inspiração. As fantasias equacionadas ao devaneio podem tornar-se inconscientes se submetidas a repressão. Britton diferencia a literatura escapista de realização de desejos da literatura séria onde podemos encontrar representações de fantasias inconscientes.

Deve-se retomar nesse ponto o conceito de fantasia inconsciente em Freud e na tradição kleiniana onde Britton se insere. Para o primeiro, a fantasia inconsciente tem relação com o desejo e com as fantasias que fazem parte da herança filogenética ou as protofantasias. Em Klein, a fantasia inconsciente e sua continuidade nos sonhos supõe representações de realidades psíquicas concretas, de transações ocorrendo no mundo interno. A convergência entre o ponto de vista freudiano e o kleiniano é a afirmação de Freud de que as fantasias se formam em grande parte nas impressões e experiências da infância e permanecem inconscientes por toda a vida. Britton assinala que exatamente essas fantasias encontram representação na obra dos escritores criativos assim como nos sonhos.

A teoria kleiniana atribui à fantasia uma posição central na compreensão do funcionamento mental humano. Klein considera que as fantasias são atuantes desde o início da vida e estão relacionadas ao corpo da mãe, a seus conteúdos e ao próprio corpo. Os objetos do mundo são investidos à medida que puderem assumir um significado simbólico desses primeiros objetos. Em um de seus artigos seminais, Klein, em 1929, afirma que a subjetividade é formada pelas personificações fantasiadas do ego, id e superego. Este último é representado por uma espécie de pais internos que podem ser fonte de conforto e alegria ou perseguição, medo, culpa e desespero.

Assim, ela acrescentou à teoria freudiana da segunda tópica a noção de que o ego, o id e o superego são objetos internos fantasiados interagindo entre si e isso adquire uma representação privilegiada no brincar das crianças e nos sonhos. O mundo externo é impregnado de simbolização adquirindo um significado

libidinal sem o qual o investimento do sujeito neste não se sustenta. A fantasia é, portanto, concebida como o elo de ligação do sujeito com a realidade externa e sua inibição acarreta , por outro lado, o aniquilamento da ligação significativa com o mundo. É assim que o amor a terra e a pátria, tão comumente representado nos desenhos infantis pela bandeira, bem como o amor a língua não passam de uma transferência do amor que a criancinha, ainda muda, dirigia à mãe, sua primeira morada falante. A figura materna nos primórdios da vida é cindida e, portanto, é também representada por seu oposto, pelos símbolos da destruição.

Há ainda fantasias defensivas de refúgios psíquicos como quando, assinala Britton, o paciente acredita estar em um relacionamento exclusivo de afeição mútua, as vezes de colorido erótico, com o analista. Tais fantasias servem como ilusão protetora contra a emergência de pensamentos transferenciais perturbadores. As fantasias de realização de desejos descritas por Freud são, segundo Britton, desse tipo, fantasias defensivas de refúgios psíquicos incluindo-se aí as recordações imaginárias das pacientes histéricas atendidas nos primórdios da psicanálise . Para o autor, pode-se fazer uma leitura da obra freudiana a partir dessa ótica, isto é, da descrição de fantasias defensivas ou fantasias de realizações de desejos, que encobrem outras de natureza perturbadora.

Um espaço mental para o pensamento é propiciado pela internalização de um espaço triangular formado pela relação dos três membros da situação edípica, afirma Britton. Isso implica na condição de saber-se participante de um relacionamento e observado por uma terceira pessoa e perceber-se, ao mesmo tempo, observador da relação de duas pessoas. Quando o espaço triangular é alcançado ocorre a integração das concepções objetivas e subjetivas do objeto de desejo. Caso essa aquisição fracasse tais concepções não se distinguem e o sujeito fica sem poder diferenciar uma ideia sobre algo da coisa em si. Nas patologias mais graves podem se desenvolver noções paralelas divididas de cada situação resultando no que Freud chamou de repúdio à realidade, quando algo é tomado como verdadeiro e falso ao mesmo tempo.

No espaço mental constituído pela internalização da relação triangular se desenvolve a imaginação como o espaço ocupado na fantasia pelo objeto do

desejo quando ausente. Nesse lugar o objeto é sempre pensado como estando com o outro objeto da situação edipiana criando-se, então, o cenário para a cena primária invisível. Britton menciona que existem muitas fantasias inconscientes da cena primária: festa dos deuses, uniões ideais, fusões bizarras com resultados monstruosos, encontros assassinos, satisfação orgástica polimorfa. Essas fantasias podem despertar sentimentos de devoção, inveja, delírios psicóticos, ansiedade e perversões, mas para os escritores criativos são a fonte da ficção imaginativa . Britton (2003) designa a imaginação de "outro quarto" levando em consideração que é onde os objetos continuam a existir em sua ausência. É nesse lugar que devaneios vazios, compensatórios, ou de satisfação de desejos são construídos. Entretanto, alguns desses devaneios são usados como fachadas de sonhos, que contêm representações simbólicas de fantasias inconscientes correspondentes a momentos cruciais na constituição da subjetividade e apreensão de sensações e experiências primitivas. Alguns artistas e obras de arte se alimentam dessa fonte, o mesmo podendo acontecer com os analisandos em análise. O trabalho do psicanalista nesse caso é diferenciar se uma determinada produção, seja artística, seja parte do discurso em análise, está camuflando a realidade psíquica ou revelando-a .

Nossas considerações finais são no sentido de destacar a importância que as noções de inconsciente, pensamento inconsciente, fantasia inconsciente e comunicação inconsciente têm adquirido no contexto do trabalho teórico e da clinica psicanalítica na atualidade tendo sido o diálogo com a estética reforçado ao longo desses cem anos que marcam a escrita do texto seminal O Inconsciente (1915). Esse trabalho é em louvor à descoberta freudiana.

REFERÊNCIAS

Bion, W. R. *Estudos psicanalíticos revisados*. Rio de janeiro: Imago Ed., 1988.

Britton, R. Realidade e irrealidade na fantasia e na ficção. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. XXXI, n. 4, p. 865 – 887, 1997.

_____. *Crença e imaginação:* explorações em psicanálise. Rio de janeiro: Imago, 2003.

De Masi, F. O inconsciente e a psicose. In: *Livro Anual de Psicanálise* XVI, 9-27, 2002.
Freud, S. (1900). *A interpretação dos sonhos*. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, v.V. Rio de Janeiro: Imago. 1980.
_____. (1907, 1906). *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen*. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, v. IX. Rio de Janeiro : Imago, 1980.
_____. (1911). *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
_____. (1912). *Uma nota sobre o inconsciente em psicanálise*. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
_____. (1912). *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
_____. (1915). *O inconsciente*. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
_____. (1937). *Construções em análise*. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
Green, A. *Orientações para uma psicanálise contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago, 2008.
Kafka, F. (1012). *A metamorfose*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
Klein, M. (1929). A personificação no brincar. In *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos* (1921-1945). Rio de Janeiro: Imago , 1996.
Rancière, J. *O inconsciente estético*. São Paulo: Editora 34, 2009.
Revista Brasileira de Psicanálise. Entrevista com Mia Couto. In: *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 47, n. 4, p. 17 – 24, 2013.
Sletvold, J. O ego e o id revisitado: Freud e Damásio sobre o ego/self corporal. In: *Livro anual de psicanálise*. São Paulo: Escuta, v. XXIX – 2015, p. 297-310.